

# SIVUCA

## Meditôno: entrada franca

por MAX ELUARD

Em João Pessoa, sentado no terraço de sua casa, faz orações de sanfona na mão.

Apelidado Meditôno, o terraço é seu altar. Seu deus é aquele Todo Poderoso, que ouve música e sabe dançar.

Somente trabalho o traz a São Paulo, sorte do Gafieiras...

E tudo começou numa terça-feira, 13 de junho de 1939, dia de Santo Antonio... Havia também um filhote de gato e um pote de mangaba, mas Sivuca se interessou mesmo foi pela sanfona que o pai trazia.

Sivuca é um memorioso, não um saudosista. Faz questão das datas e personagens com nome e sobrenome, se aborrece quando algo lhe escapa. Pausa, até lembrar, pode ajudar.

Benny Goodman, isso!

Por duas horas Sivuca nos ofereceu pedacinhos de sua história, da infância ao seu mais recente disco (ou melhor, três mais recentes discos), partindo de Itabaiana na Paraíba, passando por Paris, São Francisco, Rio de Janeiro e Nova York, aterrissando onde ainda não sabemos.

Quem sabe termine compondo sinfonias e tocando órgão numa igreja? Não seria má idéia...

De alma escancarada clamou pela música brasileira e com toda autoridade puxou a orelha da molecada e de seus pedais.

Cadê a lição de casa?

Coração de mais alegria que mágoa, quase sem mágoa. Vê na generosidade a qualidade primordial pra música, pra ser Sivuca.

“...e deu isso que você está vendo, eu musical.”

# ÍNDICE

|   |    |
|---|----|
| Se eu não estudasse música, seria sapateiro               | 04 |
| O Guerra Peixe me encaminhou para as orquestrações        | 05 |
| Tem gente que toca muito bem, mas não é albina            | 06 |
| Há uma escola brasileira de sanfona                       | 07 |
| “Conte comigo quando chegar ao Rio”, disse o Gonzagão     | 08 |
| “Na minha banda eu não quero nenhum boêmio!”              | 09 |
| “Sivuca, no mundo existem flautistas e Altamiro Carrilho” | 11 |
| Eu tinha a carteirinha do Partidão                        | 13 |
| “Vou levar seu guitarrista comigo”, disse Belafonte       | 14 |
| Particpei da campanha O Petróleo é Nosso                  | 16 |
| A música é dividida em duas: a boa e a ruim               | 18 |
| Os garotos precisam estudar teoria musical                | 19 |
| O Brasil não precisa de imitação                          | 21 |
| Eu usava “João e Maria” para fazer serenata em Recife     | 23 |
| Ainda não escutei “Adeus, Maria Fulô” com os Mutantes     | 24 |
| A Rosinha é uma das insubstituíveis                       | 25 |
| Um disco em que eu faria tudo de novo                     | 26 |
| Ouvir rádio é uma maravilha                               | 27 |
| O Hermeto é igual ao Brasil, não sabe o que possui        | 28 |

# Se eu não estudasse música, seria sapateiro

**Sivuca** - (...) num dia de Santo Antônio, era 13 de junho de 1939, quando meu pai trouxe pra meu irmão uma sanfona de 2 baixos, um pote cheio de mangaba e um filhote de gato no bolso do casaco. Era uma terça-feira. Aí eu comecei a tocar e não larguei mais.

**Ricardo Tacioli – O senhor lembra da primeira melodia, a primeira música que tocou?**

**Sivuca** - A primeira música foi “Jardineira” na sanfoninha de dois baixos.

**Tacioli – E como era a família do senhor?**

**Sivuca** - Era tudo família de lavrador, e meu pai era um artesão primitivo, que curtia couro e fazia esse material pra sela, essa coisa toda, lá no interior. E cultivava... Tinha outra terrinha que ele plantava milho, mandioca, tudo. Meus irmãos eram todos sapateiros e eu, se não estudasse música, ia ser fatalmente sapateiro também.

**Daniel Almeida – E a música veio por onde Sivuca?**

**Sivuca** - Eu não sei. Mas sei que veio firme, porque minha vocação foi mais forte do que toda e qualquer tendência. Quero dizer, a música veio pra ficar em mim, pronto. Isso foi muito interessante.

**Tacioli – Alguém tocava instrumento em sua casa?**

**Sivuca** - Não, ninguém, eu fui o único. Eu tinha um irmão mais velho que tocava um pouquinho, mas dois anos depois ele disse que não queria tocar mais, não.

**Tacioli – Ele tocava o quê?**

**Sivuca** - Sanfona.

**Tacioli – E o que o senhor ouvia em casa?**

**Sivuca** - Nada.

**Tacioli – Não se ouvia nada?**

**Sivuca** - Não, porque não havia eletricidade, não havia nada. Ouvia as pessoas tocando violão, alguns sanfoneiros itinerantes que passavam, essa coisa toda. E quando ia à cidade escutava a banda local, banda de música, e era só.

**Tacioli – E além de músicas, que sons de Itabaiana o senhor lembra?**

**Sivuca** - Só a igreja, as moças cantando, uma senhora tocando um harmônio, e muito primitivamente eu já sentia que faltava alguma coisa ali que eu não sabia explicar o que era.

**Tacioli – E hoje, depois de tanto tempo, o senhor sabe o que faltava ali?**

**Sivuca** - Ah, sim, faltava informação somente.

# O Guerra Peixe me encaminhou para as orquestrações

**Tacioli – E essa vontade nasceu quando o senhor assistia a organista?**

**Sivuca** - É, logo cedo. Quando eu tinha 8 anos fui fazer a primeira comunhão e lá escutava aquele som bonito do harmônio. Eu queria tocar aquele instrumento, mas passou. Peguei a sanfona e pronto. Aí fiquei com sanfona mesmo. Estudei música, entrei contato com orquestra, pronto. E fui, juntei o dom com prática de teoria musical e deu isso que você está vendo, eu musical.

**Almeida – Sivuca, quando você se deu conta que tinha que sair de Itabaiana?**

**Sivuca** - Em 1945. Eu tenho um irmão mais velho que me incentivava muito e sempre dizia: “Rapaz, sai daqui, que essa cidade não tem nada a lhe oferecer. Vá pra um centro maior, onde você possa estudar”. E aquilo foi crescendo, até que em 45, um amigo meu e primo, que morava em Recife, disse: “Se você quiser ir pra Recife pra começar, vá lá pra minha casa”. Aí eu fui e fiquei lá. Fiz uma tentativa em João Pessoa. Não deu certo. Voltei pra Itabaiana, e depois fui pra Recife. Aí lá fui contratado pela Rádio Clube de Pernambuco. Pronto, comecei minha verdadeira carreira profissional, em novembro de 45.

**Tacioli – E o senhor tem uma imagem que marcou esse começo de carreira lá no Recife?**

**Sivuca** - Ah, sim, foi lá que eu vi pela primeira vez uma orquestra grande, com cordas. Assisti ao primeiro concerto sinfônico lá no Teatro Santa Isabel, com a orquestra Sinfônica de Recife tocando a 5ª Sinfonia de Beethoven. Aquilo pra mim foi um abrir portas pra um mundo musical que eu realmente desconhecia. Essa é a lembrança que eu tenho. E a lembrança das primeiras lições de teoria musical que eu tive com o clarinetista da sinfônica, Lourival de Oliveira. E daí, anos depois, conheci o maestro Guerra Peixe [n.e. Compositor, arranjador e musicólogo fluminense (1914-1993)], que me ensinou, me encaminhou no mistério de fazer orquestrações. [ pausa ]

**Almeida – E o maestro Guerra Peixe, como era?**

**Sivuca** – Guerra...? Ele gostava de brigar com todo mundo, era ranzinza, mas conosco, ou seja, somente com os seus dois principais alunos lá em Recife, que era eu e o maestro Clóvis Pereira. Ele se tornou um amigo, um grande irmão. Eu, de Guerra, só tenho boas lembranças. Aliás, tem um detalhe engraçado que eu estava comentando com a minha querida violinista Renata Simões e o meu querido empresário, Felipe Rosenburg... Quando eu cheguei na casa do Guerra, vi a sala cheia de moldura de quadro, mas somente as molduras sem nenhum quadro. Eu disse: “Guerra, o que é isso, sem quadro?” Ele disse, “É o seguinte: cada um pense no seu.” [ risos ] Esse era o Guerra Peixe.

# Tem gente que toca muito bem, mas não é albina

## **Dafne – E o apelido Sivuca surgiu como?**

**Sivuca** - Essa é uma boa pergunta. Quando eu cheguei em Recife, em 1945, fiz o primeiro programa da Rádio com o nome deste tamanho assim, Severino Dias de Oliveira. Aí o maestro Nelson Ferreira [n.e. Nelson Heráclico Alves Ferreira (1902-1976), compositor, pianista, violinista e regente pernambucano], diretor musical da rádio, chegou junto a mim e disse: “Nós temos aqui um problema que precisamos resolver. O seu nome é nome de firma comercial de interior. Vamos simplificar e usar um nome só. Que tal Sivuca?” Eu disse: “Está bom, maestro, está bom”. Aí, a partir desse momento, eu passei a ser chamado de Sivuca. Há um detalhe aí que uma semana depois eu estreava na Festa da Mocidade, em Recife, com o nome Sivuca. Mas eu havia esquecido que nome ele tinha me dado e quase não fui pro show. Eu via anunciando: “Aguardem, Sivuca!” Só me liguei quando disse: “O garoto que toca sanfona muito bem”. Presumi que só podia ser eu. Aí fui. [ risos ]

**Felippe – Você está esquecendo também o detalhe do José Teles, um repórter lá de Recife, que ficou muito conhecido com uma edição que fez, chamado Do frevo ao mangue beat. Da última vez que ele esteve lá, trouxe uma relíquia do Jornal do Comércio, que é o jornal em que ele escreve. Havia um artigo de um repórter dessa época que falava: “O louríssimo acordeonista de talento inigualável já vem impressionando orquestras desde tenra idade. O único problema é o nome dele, porque certamente com esse nome, esse talento tonto vai se perder pelo caminho”. Mal sabia ele o tamanho do erro que ele estava cometendo.**

**Sivuca** - Duas coisas me ajudaram bastante. Uma: o nome. Outra: o fato de ser albino. Porque tem gente que toca muito bem, mas não é albina. [ risos ]

**Tacioli – Ontem o senhor tocou “Filhos da Lua”, que é uma homenagem aos albinos, certo? [n.e. Referência ao show de lançamento do CD Sivuca & Quinteto Uirapuru realizado no dia anterior à entrevista, no SESC Vila Mariana, em São Paulo]**

**Sivuca** - Exato, “Filhos da Lua”. Eu, Hermeto...

**Tacioli – Musicalmente, que diferenças você tem com relação ao Hermeto?**

**Sivuca** - Eu costumava dizer que Hermeto é o Beethoven do século 20, mas agora estamos no século 21 e o Hermeto continua sendo o Beethoven do século 21. A minha diferença para o Hermeto é a seguinte: em mim, música é o ingrediente, em Hermeto é uma patologia.

# Há uma escola brasileira de sanfona

**Tacioli – Sivuca, só uma definição: é sanfona ou acordeão?**

**Sivuca** - Tanto faz.

**Tacioli – Porque eu li numa matéria que você não gosta de acordeão?**

**Sivuca** - Não gosto?! Pode chamar por qualquer nome. Agora, que sanfona é o nome que quase 40 milhões de nordestinos dão a um instrumento que o francês chama de acordeão... O italiano chama de fisarmonica, o sueco de..., mas o instrumento é o mesmo.

**Tacioli – Sivuca, na música brasileira se diz muito que há uma escola brasileira de violão. Dá pra falar que no Brasil há uma escola de sanfona?**

**Sivuca** - Tem.

**Tacioli – E como ela se define?**

**Sivuca** - Bom, resumindo, eu creio que o sanfoneiro brasileiro é o único que toca choro, pra começar. O europeu talvez tenha até mais técnica que o brasileiro, mas na hora da pulsação musical, o brasileiro tem esse pulo do gato que é tocar choro, é tocar forró, é fazer ritmo com a sanfona, que eles não sabem fazer. Eu, por exemplo, fui fazer uma visita a uma orquestra de acordeão na Dinamarca. Aí peguei um dos instrumentos e toquei o “Quando me lembro”, de Luperce Miranda. Quando terminei, a sanfoneira spala da orquestra – eles dividem como uma mini-sinfônica – disse: “Eu não sabia que esse instrumento tinha tantos recursos como você está me mostrando agora”. Então é isso.

**Tacioli – Que nomes dessa escola brasileira você destaca?**

**Sivuca** - Eu não tenho nome ainda, não. Eu acho que quem começou isso tudo foi o Gonzagão, que na década de 30 e 40 tocava muito bem. Aqui havia uns bons naquele tempo, como o Mario Zan, o Mário Genari Filho, mas era tudo com uma influência muito forte italiana. Na época era o Mario Zan, o Mário Gennari; havia o Aloísio, o senhor Meireles, como era o nome dele, meu Deus? Havia a dona Edy Meireles, que era professora de acordeom aqui em São Paulo; Arnaldo Meireles. E lá no Rio havia o Gonzagão, depois o Orlando Silveira aqui de São Paulo, que era o primeiro acordeonista especializado em choro. E aí eu vim do Nordeste pra me juntar à turma, o Chiquinho, do Rio Grande do Sul... E aí se fez aquela turma: eu, Chiquinho, Orlando Silveira, mais tarde o Dominginhos, que pra mim é quem melhor toca forró no Brasil. Eu aprendo a tocar forró realmente com Dominginhos. Ele é incrível tocando forró!

# “Conte comigo quando chegar ao Rio”, disse o Gonzagão

## **Seabra – Sivuca, como foi o seu primeiro encontro com Luiz Gonzaga?**

**Sivuca** - Meu primeiro encontro com Luiz Gonzaga foi em 46 na Rádio Clube de Pernambuco. Eu tocava lá e ele, já famoso, foi fazer uns programas lá. Chegou e me viu tocando. Falou, “Que diabo é isso? Como é que se toca desse jeito? Vem cá, eu preciso tocar com você. (...) Olhe, ninguém toca este instrumento como você, não, mas seja sempre simples, porque se você ficar vaidoso, as pessoas não vão lhe tolerar. E conte comigo quando chegar ao Rio”. Uma semana depois ele mandou um telegrama oferecendo um contrato pra ir para a Rádio Nacional, mas eu não podia porque tinha um contrato lá em Recife. Quatro anos depois eu estreei na Rádio Record, aqui em São Paulo, em fevereiro de 1950, com a grande Orquestra Record, dirigida pelo muito saudoso maestro Gabriel Migliori, que era uma maestro por quem eu tinha muita admiração. Era um grande arranjador.

## **Tacioli – E como foi a sua chegada na Rádio Clube?**

**Sivuca** - Eu fui lá numa quarta-feira. Houve uma coisa interessante: na frente da rádio havia uma salinha com um balcão e uma mesa de telefone com a telefonista que recebia recado, uma senhora meio gordinha, dona Eliodeth. Ela estava brincando com um gatinho. Pensei que ela fosse a dona do rádio, porque no interior tem aquelas quitandas, aquelas bodegas com aquelas senhoras que ficavam na porta, esperando as pessoas pra comprar geralmente fazendo crochê, brincando com gato. Eu cheguei e disse: “A senhora é a dona do rádio?” Ela disse: “Não, senhor, eu sou a telefonista. O senhor quer falar com quem?” “Eu queria me inscrever pra entrar num programa de calouros”. “Ah, isso é com o Seu Nelson.” Aí chamou o maestro Nelson Ferreira. Ele chegou e disse: “Quem é que toca aqui?” “Sou eu.” “Quer tocar uma coisinha pra mim agora?” “Quero.” Estava com a sanfona debaixo do braço, peguei e toquei um frevo chamado “Mexe com tudo”, de Levino Ferreira [n.e. Levino Ferreira da Silva (1890-1970), compositor e instrumentista pernambucano compôs frevos, valsas, maracatus, dobrados, choros e música sacra. É o patrono do Museu do Frevo, que leva o seu nome]. Ele olhou pra mim espantado: “E você tocando desse jeito quer ir pra um programa de calouros? Não, senhor. Um momento”. Pegou o telefone, disse: “Ô, Antônio Maria [n.e. Jornalista e compositor pernambucano (1921-1964), autor de “Ninguém me ama” (1951), “Manhã de carnaval” e “Samba de Orfeu” (ambos de 1959), e um dos cronistas mais lidos do Brasil], vem ouvir uma coisa. Venha ver esse menino que chegou aqui de Itabaiana”. Juntaram-se mais uns três. “Toca outra música.” Aí eu toquei “Tico-tico no fubá” a mil. Ele disse: “Toque mais outra coisa”. Aí toquei “Silêncio”, que era uma valsa do próprio Nelson. Ele marejou o olho e disse: “Você quer fazer um programa amanhã aqui?”. “Faço, oxe, faço tudo!” Ele chamou Antônio Maria: “Antônio Maria, redige um programa pra amanhã”. Nesse tempo se fazia um quarto de hora; eram três músicas que a gente chegava na rádio e tocava ao vivo. Depois passava no caixa e recebia o cachê. Foi esse programa que eu fiz. Muito bonito. Foi aí que o Nelson me pôs o nome de Sivuca. Ele ficou meu amigo e foi uma amizade muito bonita. Eu aprendi muito com ele.



# “Na minha banda eu não quero nenhum boêmio!”

**Tacioli – Sivuca, como é sua relação com Itabaiana? Você visita a cidade?**

**Sivuca** - Volta e meia eu ia lá. Aliás, o afinador da minha sanfona era de Itabaiana. Era um senhor, tinha uns 60 anos, muito inteligente. Era ele quem fazia as geladeiras elétricas que chegavam lá, adaptava tudo pra querosene, consertava o harmônio da igreja, fazia tudo. Então, quando eu chegava na Rádio Clube, eu sempre deixava uma sanfona pra ele afinar. Ele dizia: “Olha, vamos fazer o seguinte: quando você chegar na Rádio Clube e tiver tocando, a nota que tiver mais ou menos desafinada, você tocando, você dá um jeito de tocar ela mais tempo, me mostrar porque eu estou ouvindo.” [ risos ] Que eu acho que foi o primeiro afinador por controle remoto que se tem notícia. [ risos ]

**Almeida – E dava certo, Sivuca?**

**Sivuca** - Ele pegava a minha sanfona, eu tocava a nota, ele experimentava, ia lá e consertava. E depois quando eu chegava em Itabaiana, “Ah, eu vi, você me deu a nota, já consertei”.

**Tacioli – Itabaiana tinha outras grandes figuras, Sivuca? De quem mais você se lembra?**

**Sivuca** – Tinha. Toda a cidade do interior tem um filósofo, um boêmio e um artesão. Lá, o filósofo era um senhor chamado Evaldo Bandeira. Ele conhecia a história dos grandes músicos todos, e me ensinou muita coisa a esse respeito, o Evaldo. E o boêmio era um cara que cantava imitando Vicente Celestino que eu me assustava toda vez quando ele mandava a primeira nota. Aquela voz de tenor lá do interior sem nenhuma disciplina. Era um negócio terrível! Mas era uma figura maravilhosa. [ risos ]

**Tacioli – E o artesão?**

**Sivuca** - O artesão era o afinador, Seu Zé Cabral, grande figura!

**Seabra – Não havia o louco da cidade?**

**Sivuca** – Havia dois. [ risos ] E os dois eram meus primos. [ risos ] Era uma tia, que ela endoidou infelizmente. Era uma pessoa inteligente, mas tinha um parafuso a menos. E um primo que enveredou pelo caminho do álcool e perdeu a cabeça também. Ele andava pela rua cantando. Virou um tipo popular, e pronto. Eram esses dois que eu conheci, afora os outros, né? Mas eu tenho muita saudade daquela Itabaiana que eu vivi. Eu fazia muita serenata com a sanfona. Fui estudar música na União de Artistas e Operários e o mestre da banda me deu uma requinta [n.e. Tipo de clarinete usado em bandas de coreto] pra eu estudar. Eu levei a requinta pra casa. Aprendi a primeira escala e decorei algumas músicas românticas pra fazer serenata pela rua. Ele soube que eu andava fazendo serenata com a requinta e a tomou. [ risos ] “Na minha banda eu não quero nenhum boêmio. Você não vai tocar mais requinta aqui, não!”

**Almeida – Você roubou alguma namorada dele?**

**Sivuca** - Não, ele era um senhor já idoso. Mas duas semanas depois eu fui pra Recife. Aí começou tudo.

**Tacioli – Sivuca, tem mais alguma história interessante que você lembra com carinho de Itabaiana?**

**Sivuca** – Olha, a história mais interessante que eu me lembro é que a minha escola ficava do outro lado do rio. Eu tinha que atravessá-lo. No período de seca eu atravessava a pé. Quando o rio enchia, eu atravessava à nado, com a roupa da escola na cabeça e os livros também. Atravessava, trocava de roupa na casa de uma prima, ia pra escola, depois voltava, trocava de roupa, pegava um negócio chamado cavalete, que era um tipo de aparelho de surfar, mas feito canoa, me deitava e saía nadando. Atravessava o rio pra lá e pra cá pra estudar nessa escola. Era muito bom, muito interessante. E pronto, essa era uma dessas histórias. E os bailes que eu fazia, às vezes, com o meu irmão... Ele ia de bicicleta, botava a sanfona no bagageiro e eu ia no quadro da bicicleta. Chegávamos lá e fazíamos o baile. Ele tocava um pouco também. Depois pegávamos a bicicleta e voltávamos pra casa. São lembranças e pronto. Realmente eu vim me desenvolver como músico em Recife. Foram dez anos de aprendizado em Recife.

# “Sivuca, no mundo existem flautistas e Altamiro Carrilho”

**Almeida – A primeira vez em que você foi pra Europa, você era muito novo?**

**Sivuca** - Para Europa? Eu tinha 28 anos.

**Almeida – E como foi essa experiência?**

**Sivuca** - Em 1957, uma lei passada no Congresso pelo então presidente Juscelino Kubitschek promovia a divulgação da música brasileira no exterior. Era a Lei Humberto Teixeira. E eu fui convidado pra participar do primeiro grupo pra tocar no exterior divulgando a música brasileira. Na época era eu, o maestro Guio de Moraes, Trio Irakitan [n.e. Grupo vocal e instrumental potiguar de muito sucesso nos anos 1950], Abel Ferreira [n.e. Clarinetista, saxofonista e compositor mineiro (1915-1980), autor do choro “Chorando baixinho” e um dos criadores da “escola brasileiro de sopro”], Dimas Sedícias [n.e. Compositor e instrumentista cearense (n. 1930), dono de obra que dialoga com a tradição musical nordestina], um percussionista. Éramos em oito. Ensaíamos e fomos para a Europa.

**Tacioli – E como foi a formação desse grupo, Sivuca? Alguém selecionou o grupo? Quem estava na direção?**

**Sivuca** - Não, era o Guio de Moraes. Mas Humberto Teixeira [n.e. Compositor, flautista e deputado federal cearense (1915-1979), um dos formatadores do baião, ao lado do parceiro de Luiz Gonzaga, com quem dividiu crias como “Qui nem jiló”, “Asa branca” e “Assum preto”] era quem fazia a seleção. E eu, naturalmente, estava entre eles porque Humberto me conhecia e sabia o que eu podia fazer na Europa. Aí, pronto, ensaiamos três meses e saímos para a Europa. O grupo fez muito sucesso. Depois voltamos ao Brasil. No outro ano, em 59, Humberto chamou Ataulfo Alves pra ir e, três meses depois, Ataulfo disse que não ia mais. Humberto pôs a mão na cabeça. Foi lá em casa me chamar pra eu ir novamente. Eu já estava com bastante problemas aqui no Brasil... “Humberto, eu vou com uma condição: de sair e ficar na Europa”. Ele disse: “Pode ser”. “Humberto, eu tenho que formar esse conjunto.” “Está certo.” Aí, eu chamei um trombonista, Edson Machado na bateria, um contrabaixista, Tião Marinho, uma cantora e um violonista pra acompanhar Waldir Azevedo [n.e. Célebre compositor e cavaquinista carioca (1923–1980), autor de choros como “Brasileirinho” e “Pedacinhos do céu”, e do baião “Delicado”]. Sei que éramos em doze, porque havia um trio de assistentes. Ensaíamos, fizemos um grupo muito interessante, que inclusive num dos shows, aquele clarinetista famoso americano foi assistir... Era um judeu americano que tocava clarinete muito bem, jazzista...

**Dafne – Benny Goodman? [n.e. Famoso clarinetista e bandleader norte-americano, foi a figura mais popular da Era do Swing]**

**Sivuca** - Benny Goodman! Ele ficou louco quando viu a gente, quando ouviu o Norato tocar trombone [n.e. O trombonista mineiro Antônio José da Silva (n. 1924)]. Disse: “Mas é incrível como esse moço toca bem o trombone”. Isso tudo com intérprete, porque eu não falava nada, nem de francês, nem de inglês. Ele queria me levar para os Estados Unidos. “Nada, vou não. Vou ficar pela Europa mesmo.” Aí terminamos. Uma coisa interessante: quatro dias antes de terminar a turnê, num passeio de bicicleta à

noite, levei uma queda e fraturei o crânio. Fui bater num hospital lá na Itália. A turma voltou e eu fiquei no hospital, de crânio fraturado. Mas nesse hospital havia um bocado de enfermeiras bonitas, de freiras... Eu comecei a botar o olho grande nelas e aí uma das freiras soube que eu era músico. Ela foi numa loja de instrumento e trouxe uma sanfona. E toda noite era uma noitada, eu tocando pra elas. Sei que quando saí desse hospital era um chororô, aquelas enfermeiras toda: "Pôxa, você podia ficar aqui mais tempo". "Não, aqui é ótimo, mas é um hospital. Eu tenho que ir." Aí peguei o trem e fui pra Portugal. Já havia um emprego me esperando. Com cinco brasileiros formei um quinteto muito bom – Nestor Campos, guitarrista; Dimas na bateria, Olga Silva, uma cantora daqui de São Paulo; Nei de Castro, bateria, e eu.

#### **Tacioli – E o contrabaixo?**

**Sivuca** - O contrabaixo era com o Dimas, que havia deixado de tocar bateria. Esse quinteto fez muito sucesso. Aí nós resolvemos ir pra Paris. Pegamos o que tínhamos e fomos aventurar. Lá fizemos umas quinze audições em clubes noturnos, até que em uma delas pegou. Aí pronto, começamos a tocar. Silvio Silveira, que era um cantor brasileiro radicado lá, levou o Eddie Barclay [n.e. Um dos mais famosos produtores franceses e proprietário da gravadora Barclay] pra assistir a gente. O Eddie Barclay ouviu a gente tocar, e junto com o diretor artístico da Maison Barclay, disse: "Leve esse acordeonista lá que nós precisamos falar. Os outros do grupo podem ficar, mas esse aí eu quero". Assinei contrato com Barclay, mas nós do grupo tínhamos um trato: o primeiro que arrumasse alguma coisa, levaria a turma. Aí, não deu outra: na gravação o grupo foi comigo. Fizemos um disco meio já bossa nova. Eu cantando e tocando, fiz um disco na França e foi um sucesso. O "Samba de uma nota só" estava a mil. Eu, só num dia participei de três gravações de "Samba de uma nota só", inclusive a versão de Michel Legrand, em que toquei violão. E numa delas eu ia tocar pandeiro...

#### **Tacioli – Você cantou o quê nesse disco?**

**Sivuca** - Toquei sanfona e piano...

#### **Tacioli – Mas você chegou a cantar?**

**Sivuca** - Cheguei a cantar, sim. Cantei "Obalalá", que é do João Gilberto; cantei "Rapaz de bem", do Johnny Alf, e "Samba de uma nota só" e "Desafinado".

#### **Tacioli – Só bossa nova?**

**Sivuca** - Só bossa nova. A bossa nova estava a mil. Toquei músicas de K-Ximbinho, choros, e toquei algumas músicas de carnaval da época. Tudo bem arranjadinho, com meu grupo. Eu sei que o disco ficou um primor. Usei alguns músicos franceses. Eu me lembro que eu levei um flautista chamado Claude Civeli. Claude se sentou e falou: "Como é que você quer que eu toque? Quer que eu toque como toco aqui ou quer que eu imite Altamiro Carrilho?" Altamiro era referência na França como flautista. Inclusive, na época eu conheci Jean-Pierre Rampal, que era um grande flautista clássico de Paris [n.e. Importante flautista francês (1922-2000) responsável pela popularização da flauta transversal como instrumento de solo e que transitou entre o jazz, a música indiana e a clássica], que dizia: "Sivuca, no mundo existem flautistas e Altamiro Carrilho". Era isso, palavras dele, e eu concordo. Altamiro é realmente um flautista e tanto. Mas aí depois de cinco anos na França, por erro de cálculo, voltei ao Brasil. Isso em fevereiro de 1964.

# Eu tinha a carteirinha do Partidão

## **Almeida – Por que erro de cálculo?**

**Sivuca** - Erro de cálculo, sim, porque em 1º de abril houve aquela coisa que se chamou de revolução. Aí eu fiquei numa situação meio lusco-fusca, porque eu tinha a carteirinha do Partidão. Mais cedo ou mais tarde eu ia ser pego, no mínimo pra saber qual era a minha e tal. Mas aí eu recebi uma proposta de Carmem Costa pra ir aos Estados Unidos pra assessorá-la musicalmente, porque lá era muito pobre de músico brasileiro e eu era muito amigo da Carmem. “Você vai, faz os arranjos, ensaia, toca e a gente monta um grupo, porque com você, com certeza, vai haver mais cor brasileira”. Aí eu fui, tava sem fazer nada. Antes de ir aconteceu uma coisa interessante. Quando fui tirar meu visto no Consulado Americano, em Recife, o cônsul, um senhor grisalho e baixinho, chegou perto de mim e disse assim: “Mister Sivuca, eu vou lhe dar um visto permanente pro senhor nos Estados Unidos. É em agradecimento pela música maravilhosa que o senhor fez pra nós em Fernando de Noronha no tempo que eu era soldado baseado lá. Aquela música pra mim foi formidável. Nunca esqueci. E hoje eu estou cara a cara com a pessoa que mais satisfação me deu em Fernando de Noronha. Por isso vou lhe dar o permanente.” Aí me deu.

## **Tacioli – E senhor tinha carteirinha do Partidão?**

**Sivuca** - Nessa altura já havia acabado tudo. Ele me deu o visto e eu saí para os Estados Unidos com o Green Card na mão, pronto pra começar uma nova vida. E não deu outra. Fui pra lá passar seis meses e acabei ficando quase 13 anos nos Estados Unidos.

## **Almeida – Como é que o senhor foi parar em São Francisco?**

**Sivuca** – Fui para lá umas duas vezes quando trabalhava com a Miriam Makeba. Mas pra lá mesmo eu fui com Oscar Abrão Júnior. Ele fez um show off-Broadway, chamado Joy, que fez muito sucesso, e fomos contratados pra levar o show durante três meses em São Francisco. E aí fui pra lá. Quando o show acabou, eu ia ficar mais uns quinze dias em São Francisco, mas numa noite eu estava no apartamento e deu um terremoto. Começou tudo a balançar muito. No outro dia eu peguei tudo, peguei um carro, fui pro aeroporto e voltei correndo pra Nova York.

# "Vou levar seu guitarrista comigo", disse Belafonte

## **Tacioli – Sivuca, como apareceu a oportunidade de trabalhar com a Miriam Makeba?**

**Sivuca** - Miriam Makeba foi em 1965, no final do ano. Ela precisava de um violonista, um contrabaixista e um percussionista. Aí eu fui lá fazer um teste de violão na mão. Quando me mostravam como era o ritmo que ela cantava, era a mesma coisa que um ritmo nordestino, que nós chamamos de balaio. Fui tocar o balaio pra ela cantando. Ela olhou pra mim... A filha dela falava francês e eu não falava nada de inglês. Nessa altura eu já falava francês. "Sivuca, minha mãe quer saber onde é que o senhor aprendeu o ritmo sul-africano tão bem?" Eu disse: "Diga a ela que foi por assimilação. Estou fazendo um ritmo nordestino chamado balaio que é igual ao que ela chama de upacanga, da África do Sul". Aí fui logo contratado por ela.

## **Almeida – Mas quem te recomendou?**

**Sivuca** - Foi um contrabaixista americano chamado Don Payne, que disse ao marido da Miriam: "Ó, vou recomendar uma pessoa, que pra mim é a pessoa certa para trabalhar com a Miriam". Aí ele me recomendou e eu fui lá. Mas aí essa audição que começou às três da tarde, terminou às duas da manhã com todo mundo de fogo. Miriam era muito amiga de Jorge Ben, Jorge Benjor, e começou a cantar "Mas que nada" e eu comecei a acompanhá-la. Ela vibrou! Aí fiquei quatro anos e meio trabalhando com a Miriam.

## **Tacioli – E como foi esse tempo trabalhando com ela?**

**Sivuca** - Maravilhoso. Além de ter sido bom porque me tirou da crise em Nova York, foi bom como relacionamento. Ela é um ser humano maravilhoso e o grupo virou uma grande família. Eu me lembro que nós estávamos na Suécia trabalhando, fazendo um show, quando o Harry Belafonte [ n.e. Cantor, compositor e ator norte-americano famoso por gravar músicas em ritmos caribenhos ] foi nos assistir. Aí o Harry olhou pra mim e disse: "Miriam, eu vou roubar esse seu guitarrista pra mim". Aí a Miriam disse: "Não, faça isso, não". "Você vai ver." No outro ano ele convidou a Miriam para participar de um show dele. Aí, em 1969, a Miriam foi para a Cuba e me convidou, mas aí eu não podia ir para Cuba, porque em 69, se eu fosse pra Cuba, eu não poderia entrar de volta nos Estados Unidos. E se voltasse ao Brasil, seria preso. "Não, espera aí, ideologia é uma coisa, prática é outra. Eu estou morando nos Estados Unidos, já tenho um certo prestígio aqui como profissional". Já era conhecido como arranjador e tudo, já tinha participado de alguns bons discos. Aí eu disse: "Miriam, infelizmente eu não posso ir pra Cuba." "Não tem nada, não, brother, eu entendo perfeitamente, mas eu vou porque não posso mais ficar aqui." Ela havia se casado com Stokely Carmichael, do Poder Negro, e no dia em que ela anunciou o noivado, o Sindicato das Estações de Rádio e Televisão deu uma declaração proibindo a apresentação ou o tocar discos de Miriam Makeba. Foi proibido em todo o Estados Unidos. Quer dizer, foi a pior censura que um artista poderia receber num país civilizado, que era a proibição de seu produto. Como ela não tinha mais o que fazer nos Estados Unidos, foi para Cuba, para África, e eu fiquei nos Estados Unidos trabalhando com o Belafonte.

**Tacioli – Sempre como guitarrista?**

**Sivuca** – Guitarrista. O acordeão sempre au passant. Mas quando eu tocava, eu me lembro que fiz um documentário pra NBC... O dia em que esse documentário foi ao ar, Miles Davis assistiu e mandou um telegrama pra mim, com os seguintes termos: "Mister Sivuca" – vou traduzir logo – "finalmente encontrei alguém que me fizesse fazer as pazes com esse maldito instrumento que se chama acordeão". Assinado Miles Davis.

# Participei da campanha O Petróleo é Nosso

**Seabra – Sivuca, eu queria voltar, se você quisesse falar a respeito, sobre o que te levou a tirar uma carteirinha do Partidão?**

**Sivuca** – Ideologia. Participei ativamente, garotão com 19, 20 anos, da campanha O Petróleo é Nosso; e lá em Recife eu tocava em comício, fazia discurso inflamado, chamava os americanos de imperialistas, essa coisa toda... E quando foi numa noite, eu estava meio de fogo no Bar da Brahma, lá em Recife, uma terça-feira de Carnaval, eu subi num tamborete e comecei a defender o petróleo... Aí chegou um daqueles caras que disse que eu era um subversivo... E eu, "Subversivo é a sua mãe". Aí a polícia me prendeu e me levou pra Secretaria de Segurança. E o secretário: "Mas, Sivuca, que diabo veio fazer você aqui, rapaz? Eu gosto demais de você tocando sanfona." Pegou e telefonou para o diretor da rádio: "Ó, o Sivuca está aqui. Estaria preso, mas eu não vou prender um homem desse. O que faço?" Aí o diretor, doutor Pessoa falou assim: "Solte ele, rapaz, mande ele pra casa". Disse: "Ó, Sivuca, eu não quero mais ver você em comício nenhum aqui, porque da próxima vez – eu que sou seu fã – serei obrigado a prendê-lo. Vá pra casa!" Mandou dois soldados me levar em casa. "Sabe de uma coisa, ele tem razão. Essa história de política não leva ninguém a nada. Eu vou ficar na minha e pronto." Foi a única vez em que estive numa delegacia de polícia.

**Tacioli – Antes de ir pra Europa, o senhor falou que estava com alguns problemas aqui no Brasil. Aí eu li que o senhor foi demitido da Tupy porque participou de uma greve por melhores salários.**

**Sivuca** - Os músicos entraram em greve e eu, como músico, me solidarizei com a classe. Eu saí daqui de São Paulo para o Rio e quando cheguei ao aeroporto, o diretor já estava esperando por mim pra acompanhar alguns artistas lá na rádio. Ele disse: "Olha, os colegas entraram em greve". "Ah, é? Pois é o seguinte: diga ao doutor Calmon que eu não vou acompanhar ninguém. A rádio tem orquestra; me ponha como solista que eu passo a noite toda tocando, mas pra acompanhar cantor, estou tirando o lugar dos músicos. Não vou." Aí cortaram todos os programas meus e eu fiquei confinado a um programa que começava às 7 horas da manhã. Era o programa de música sertaneja da Rádio Tamoyo. Seis meses depois havia terminado meu contrato e eu não tive mais o contrato renovado. Fiquei desempregado no Rio de Janeiro. Por isso fui pra Europa.

**Tacioli – Sivuca, você não fala com mágoa por não ficar no Brasil.**

**Sivuca** - Mágoa?

**Tacioli – É.**

**Sivuca** - Não, não. Eu não tenho mágoa de nada, nem de ninguém. Eu acho que o povo brasileiro foi sempre muito generoso comigo. Eu gosto de usar a palavra generosidade, porque é um dos dois ingredientes primordiais na música, ao lado do respeito pelo público. O Brasil todo foi muito gentil comigo. É claro, as instituições, as estações de rádio, a imprensa deram pra mim tudo que puderam. Agora, fui crescendo e sempre fui muito ambicioso e, de repente, cheguei num ponto em que precisava melhorar mais a minha condição de músico. E achei que um giro pelo mundo me daria muita



experiência. Fui carimbar o meu passaporte musical no exterior. E quando cheguei de volta, realmente, cheguei com o maior prestígio. Não é que o povo ache nem nada, mas é que eu indo para o exterior, eu voltaria com mais prestígio. E não deu outra. Cheguei aqui e já gravei. Aprendi muito mais a ser profissional. Eu era um pouco maluco, vamos dizer assim, fiz algumas tolices, como profissional, inclusive. Mas esses dezoito anos em que passei fora do Brasil, aprendi a me comportar como profissional. E isso me valeu muito depois de volta ao Brasil.

# A música é dividida em duas: a boa e a ruim

**Felippe – Sivuca, esse momento da sua vida profissional, depois de ter percorrido tantos gêneros com tantos repertórios gravados e executados no Brasil e no mundo, como você caracterizaria essa vinda para o âmbito mais erudito?**

**Sivuca** - Eu não diria que foi o último estágio da minha carreira, mas é uma espécie de um ponto culminante, de uma tendência natural. Sempre achei que a música chega a um ponto que é o máximo, que é o lado erudito, o sinfônico, ou como queiram chamar, é o refinado na música como um todo. Quando eu era adolescente, vamos dizer dos 18 aos 38 anos, sempre fui muito admirador da música sinfônica. E no meu estudo musical sempre procurei progredir como arranjador e orquestrador. Fui escrevendo, escrevendo, até que na década de 80 fiz a primeira orquestração para música sinfônica, que foi o Concerto Sinfônico para Asa Branca. Verifiquei que estava na minha praia e comecei a desenvolver esse lado. E a cada orquestração que eu fazia, uma experiência a mais vinha. Era como se fosse o nascimento depois de uma grande gestação de uma vocação musical natural minha. E é pra mim, vamos dizer assim, o ponto culminante de uma tendência musical minha. Isso me fez muito feliz e muito amadurecido musicalmente.

**Felippe – Como testemunha de uma pequena parte da sua história, da década de 90 pra cá, eu notei algumas mudanças no seu jeito de falar de música, mas sempre uma manutenção de uma idéia fixa, que era em cima do instrumento, da sanfona. Eu me lembro quando você falava da falta de suíngue dos músicos eruditos. Vou fazer uma pergunta provocativa para você, que é um dos baluartes do suíngue da música brasileira e mestre em improvisação: você está perdendo o suíngue indo pra erudição ou está com a pretensão de introduzir o pulsar, de dar uma suingada na erudição brasileira?**

**Sivuca** - Eu estou me integrando ao mundo e à família dos músicos chamados de eruditos. Porque a música, essa história de erudição e de clássicos, são rótulos que vêm com o tempo, mas na realidade a música é dividida em duas: a boa e a ruim. A ruim se acaba e a boa fica e vira clássica. Agora, perder o suíngue, eu não estou perdendo, porque suíngue é como andar de bicicleta, a gente nunca esquece. Agora, eu estou tentando dar para as cordas um certo suíngue. E até pela disciplina que eles têm, eles não têm aquele suíngue. O que existe é uma integração a um ponto em que as cordas vêm de lá e eu vou de cá, e a gente se encontra.

# Os garotos precisam estudar teoria musical

**Tacioli – Sivuca, você acha que a música erudita no Brasil pode ter um caráter popular?**

**Sivuca** - Não só pode, como já é. Você tira, por exemplo, Villa-Lobos [n.e. Maestro, compositor e violoncelista carioca (1887-1959)], Radamés Gnattali [n.e. Pianista, regente, compositor e arranjador gaúcho (1906-1988)], o próprio Camargo Guarnieri [n.e. Autor paulista (1907-1993) de mais de 700 peças, entre canções, concertos e sinfonias, sempre aliando a música erudita à popular]. Eu, modestamente, estou tentando me inserir nessa família. Estou aí trabalhando pra ganhar um lugar no meio dessa família. A música brasileira tem todos os ingredientes pra se firmar como música, vamos dizer assim, erudita, através do choro, através da própria música nordestina e através de todos os ingredientes musicais, inclusive da música paulista e da música do Rio Grande do Sul. O Brasil é um país riquíssimo em música popular. É o grande encontro dos ingredientes musicais no mundo atualmente e quem entender isso vai fazer boa música no mundo.

**Seabra – Sivuca, outro termo que se usa bastante é o da “música de raiz”. O que é isso pra você?**

**Que raiz o músico tem que ter?**

**Sivuca** - Olha, eu entendo que raiz é a origem da música, por exemplo, o choro, que é relativamente novo, não deixa de ser música de raiz. Afora o lado afro-brasileiro, afora o lado da moda de viola, o lado modinha brasileira, que é inspirada no fado de Coimbra, o frevo que é também novo, não deixa de ser música de raiz; o baião, que é inspirado nos repentes nordestinos. Tudo isso é música de raiz. A cantiga de roda é música de raiz. Todos esses ingredientes vistos e ouvidos como o espírito de compreensão musical, redundam numa música brasileira contemporânea da maior qualidade e da maior riqueza no ingrediente Brasil musical.

**Max Eluard – Acho que o problema é a relação que o músico estabelece com essas raízes. Muitas vezes, essa raiz coloca uma camisa-de-força pro músico. O que você acha?**

**Sivuca** - Eu acho que a maioria, notadamente, dos garotos precisa estudar um pouco de teoria musical, que é um ingrediente altamente necessário na formação musical. Porque a corrida pelo sucesso fácil não leva a nada, geralmente leva à um sucesso efêmero. Tem que saber pelo menos a música que sabe um Tom Jobim, que sabia um Luiz Eça [n.e. Pianista, compositor, professor e arranjador carioca (1936-1992), formou um dos trios mais famosos da bossa nova, o Tamba Trio], que sabe um Oswaldinho do Acordeon [n.e. Sanfoneiro carioca, começou a gravar no início da década de 1970 e logo ficou conhecido por fundir forró com música clássica, além de adicionar elementos de rock e blues à sua música]; enfim, pessoas que estudaram música e que sabem lidar com os ingredientes teoricamente. É isso que nos leva a um verdadeiro progresso musical, porque a tendência musical que leva a uma massificação que a mídia toma conta, torna-se efêmera, o sucesso vem e vai embora ali no meio do caminho. O estudo, o desenvolvimento musical torna-se necessário. Eu digo isso porque eu também passei pelo mesmo; fui, por muito tempo, músico sem estudar, naturalmente levando a sério todas as tendências, mas também me dando ao trabalho de queimar

pestanda e estudar teoria musical, estudar orquestração e, enfim, harmonia, fuga, contraponto, me preparar pra lidar com os ingredientes teoricamente.

# O Brasil não precisa de imitação

**Tacioli – Sivuca, dos músicos novos que estão tanto em rádio como lançando discos, quem lhe atrai musicalmente, quem você acha interessante?**

**Sivuca** - Olha, tem muita gente boa aí. Por exemplo, aqui tem um grupo que está meio esquecido, mas é um grupo e tanto, que é o Pau Brasil, que me agrada muito. Tem um jovem pianista no Rio, que é um grande arranjador... O maestro Gilson Peranzetta [n.e. Maestro, arranjador, compositor e pianista carioca (n. 1946), integrou nos anos 60 o grupo Samba Jazz]. O Nelson Ayres é muito bom. [n.e. Pianista, arranjador e compositor paulista (n. 1947), fundou o grupo instrumental Pau Brasil e foi regente da Orquestra Jazz Sinfônica] Enfim, sempre tem grandes revelações na música brasileira. A Paraíba, por exemplo, é um celeiro de bons músicos. Tem um sexteto de trombone que é incrível, que toca o impossível pra trombone. E tem bons cantores... Enfim, há uma juventude toda pronta pra continuar esse trabalho de sustentação da música brasileira, com influências da música estrangeira que, aliás, são necessárias, mas que não sejam imitações. O Brasil não precisa de imitação, o Brasil precisa de tendências e influências, e nós temos. A música no Brasil, como eu disse, é um grande encontro. Você ouve um Yamandú [n.e. Yamandú Costa, violonista gaúcho nascido em Passo Fundo, 1980] tocando um violão e você fica impressionado com a sua capacidade como instrumentista, e por aí vai...

**Tacioli – Sivuca, qual foi o grande momento da música instrumental no Brasil?**

**Sivuca** - A música instrumental sempre foi muito bem aqui no Brasil, desde o tempo dos Oito Batutas, com Pixinguinha, com Luperce Miranda, aquele povo todo. Agora, depois, veio a Turma da Gafieira, que foi a inserção do ingrediente jazzístico na música brasileira. Teve o Radamés, que foi um grande incentivador da música instrumental no Brasil; nós ainda podemos mencionar as big bands, as grandes orquestras – aqui em São Paulo havia o Silvío Mazzuca... [n.e. Pianista, compositor, arranjador e regente paulistano (1919-2003), tocou em inúmeras orquestras de rádio até fundar sua própria] E sem falar dos pequenos grupos... Dick Farney foi um grande pianista jazzista... [n.e. Cantor e pianista carioca (1921-1987), participou da primeira gravação da Sinfonia do Rio de Janeiro, de Tom Jobim e Billy Blanco (1954) e, posteriormente, aliou-se à bossa nova ] Enfim, sempre no Brasil tivemos grandes expoentes da música instrumental.

**Tacioli – Mas quando eu falo do melhor momento é em relação ao tocar em rádio, consumo de discos, exposição... Houve esse momento?**

**Sivuca** - O sucesso instrumental sempre foi um pouco precário. A música instrumental é muito mais admirada por músicos e pessoas amantes da música do que pelo grande público. Porque de resto a mídia nunca foi muito generosa pra com a música instrumental como um todo. É natural isso, porque num país onde, vamos dizer assim, a música precisa de pelo menos 10% da atenção do futebol dada à sua música instrumental, não tem música que resista. Se nós tivéssemos uma mãozinha a mais da mídia, aí a música instrumental começaria a ter um progresso como essa frase muito em moda hoje,

um progresso auto-sustentável. Mas isso é um fenômeno mundial. Uma vez eu conversava com o Ron Carter [n.e. Contrabaixista do jazz norte-americano. Tocou ao lado de Thelonious Monk, Miles Davis, Herbie Hancock, Art Farmer, Tom Jobim e Milton Nascimento], e eu reclamava o que as rádios geralmente tocam no Brasil é uma espécie de escória musical, que a verdadeira boa música brasileira nunca teve um espaço merecido no rádio estabelecido. Ele disse: “Sivuca, eu não sei se isso lhe serve de consolo, mas aqui nos Estados Unidos nós sofremos o mesmo. A música de jazz daqui não tem o espaço merecido”. Num dos grandes festivais de jazz que eu participei, lá na Suécia, os músicos de jazz local se queixavam amargamente que a mídia de lá só dava atenção aos músicos que iam dos Estados Unidos. E assim por diante. Tudo é uma questão de espaço que nós temos que ganhar, batalhando a pá e a picareta. Existem alguns músicos, poucos, conscientes desse problema. E eu, sem falsa modéstia, estou entre eles.

# Eu usava “João e Maria” pra fazer serenata em Recife

## **Tacioli – Sivuca, o Chico fez a letra de “João e Maria”. Como foi seu primeiro contato com ele?**

**Sivuca** - Foi através, é claro, da fama. Eu já o conhecia, mas quem me apresentou ao Chico foi o saudoso Paulo Pontes, teatrólogo, que estava organizando o repertório para uma apresentação que Elizeth Cardoso faria no Canecão. E uma noite, na casa dele, ele me apresentou o Chico e disse: “Sivuca, nós precisamos de uma música sua com o Chico pra o show de Elizeth Cardoso”. “Tá bem, vou pensar.” Um dia lá em casa, conheci o Chico, e ele foi muito feliz... Naquela época falamos de astrologia. “Ah, você é geminiano como eu?” Eu disse, “Pois é. O Paulo vai lhe entregar uma música”. Eu estava em casa, em casa não, lá no pequeno apartamento onde eu morava, e estava com o teclado ligado. Comecei a tocá-lo. Me lembrei da música, de um tema que eu havia escrito em 1947, “João e Maria”, não era “João e Maria” ainda, não. Glorinha ouviu e disse: “Sivuca, que música é essa tão bonita?” “Ah, Glorinha, é uma música que eu fiz em 47”.

## **Almeida – Ela não tinha título?**

**Sivuca** – Não. Eu usava a música pra fazer serenata lá em Recife. Aí Glorinha disse, “Grave isso imediatamente e entregue ao Paulo Pontes pra passá-la ao Chico”. Eu gravei toda bonitinha, com a segunda parte e a mandei para o Paulo Pontes. E o Chico recebeu. Duas semanas depois, disse: “Sivuca, fiz uma letra pra essa música, mas agora ela não tem nada a ver com Elizeth Cardoso.” “Está certo.” Ele, por telefone, cantou com a letra. Eu fiquei mudo, sem saber o que dizer dada a surpresa da letra. A letra levou a música por um caminho completamente diferente do que eu pensava. “Chico, essa música é um primor, é não, virou um primor com essa letra.” “Pois é, que tal a Nara Leão gravar essa música?” “Vai ser maravilhoso.” “Mas quem vai fazer o arranjo é você.” “Tá bom, Chico.” Me encontrei com Chico e escrevi a música que até então não havia sido escrita. Levei pra casa, fiz o arranjo, gravamos a música. Ninguém esperava. A música no vinil que a Nara lançou era a de número 6 do lado B. E foi a música que levou o disco de Nara Leão ao sucesso. Aí, pronto, quatro anos depois, eu encontrei o Chico. “Poxa, Sivuca, a única música que nós fizemos como parceiros virou um carma na minha vida. Tenho que cantá-la sempre.” “Pois é.” Ele seguiu, “Vamos fazer mais.” Nunca mais a gente se encontrou, mas a música virou um clássico. E a gravação realmente ficou muito bonita. Foi feita com João Donato, teclado, Luizão Maia, contrabaixo, Meireles, flauta, eu, violão e sanfona, e o Paulinho Braga, bateria. Foi essa formação musical de “João e Maria” com Nara Leão e Chico cantado.

# Ainda não escutei “Adeus, Maria Fulô” com os Mutantes

**Tacioli – Sivuca, de música cantada de sua autoria, essa foi a de maior sucesso?**

**Sivuca** - Os grandes sucessos foram: “Adeus, Maria Fulô”, que eu fiz em parceria com Humberto Teixeira, e que foi gravada originalmente em 1950 por Camélia Alves. Muitos anos depois, o Secos e Molhados gravou “Adeus, Maria Fulô”. A Joyce gravou também. Depois eu a gravei novamente.

**Dafne – Não foi o Secos e Molhados, e sim os Mutantes.**

**Sivuca** - Com Ney Matogrosso.

**Glorinha Gadelha – Foram os Mutantes, meu amor, de Rita Lee.**

**Sivuca** – Ah, não, Mutantes, desculpem-me. [n.e. O grupo paulistano Os Mutantes de Sérgio Dias, Arnaldo Baptista e Rita Lee gravou “Adeus Maria Fulô” nos discos Os Mutantes (1968) e Tecnicolor (1970, mas só lançando no final da década de 1990)]

**Glorinha – E todo mundo gravou, findando agora na Gal, que acabou de gravá-la.**

**Sivuca** - Esse foi um grande sucesso. Depois eu acho que o maior sucesso meu foi “Feira de Mangaio”, que eu fiz com Glória Gadelha, e que teve a primeira gravação nossa no Seis e Meia, do João Caetano. Depois a Clara Nunes [n.e. Cantora mineira (1943-1983) radicada no Rio de Janeiro e intérprete de sambas, como “Lama”, “O mar serenou”, “O canto das três raças” e “Juízo final”] gravou e explodiu no Brasil todo [n.e. Gravado em Esperança, de 1979]. Foi um grande sucesso!

**Tacioli – Sivuca, você se lembra dessa gravação de “Adeus, Maria Fulô” com os Mutantes?**

**Sivuca** - Não, eu não estava no Brasil. Aliás, eu ainda não escutei essa gravação. Mas eu escuto qualquer dia desses.



# A Rosinha é uma das insubstituíveis

**Dafne – O que foi tão legal no encontro com a Rosinha de Valença? [n.e. Célebre violonista e compositora fluminense (1941-2004)]**

**Sivuca** - Eu conheci Rosinha quando eu ainda trabalhava nos Estados Unidos. Ela trabalhava com Sérgio Mendes. E, é claro, aconteceu uma amizade entre uma Rosinha, que era musical demais, e um Sivuca. Quando voltei dos Estados Unidos, ela ia fazer o Seis e Meia. E aí ela disse pro Albino Pinheiro: “Eu só faço se for com o Sivuca.” Eu havia chegado. Ensaiei um pouco com ela, formamos um repertório, fizemos o Seis e Meia e a direção da RCA resolveu gravar. E virou um disco antológico. [n.e. Sivuca e Rosinha de Valença ao Vivo, de 1977] Foi tão bonito que até agora o disco foi considerado um dos cem melhores álbuns do século 20. E, aqui entre nós, a Rosinha é uma das insubstituíveis da nossa música brasileira. Eu ainda hoje me sinto muito feliz por ter participado desse disco que fiz com a minha amiga Rosinha de Valença.

**Tacioli – Você chegou a tocar violão com ela também, Sivuca?**

**Sivuca** - Olha, no disco tem umas três músicas que eu fiz de violão, eu e ela. Inclusive a música “Reunião de tristeza”, que muita gente pensa que foi ela que fez o violão, mas quem tocou fui eu.

**Tacioli – O disco tem 37 minutos e o show foi de 2 horas. Ele foi todo gravado, Sivuca?**

**Sivuca** - É possível, eu não me lembro, não. Eu estava muito preocupado com o que rolava no palco. Deixava as outras coisas de lado. Tanto que depois só vim ver que o produtor desse disco era o Sérgio Cabral. E depois eu fui pro estúdio pra organizarmos o disco, com o Sérgio como produtor. Aí que ouvi o que nós fizemos no João Caetano. Foi uma surpresa muito agradável. O disco ficou muito bom.

**Dafne – Sivuca, não foi difícil deixar o disco desse show com 37 minutos somente?**

**Sivuca** - É, foi difícil, sim, mas o que foi para o disco foi o necessário. [ ri ]

# Um disco em que eu faria tudo de novo

**Tacioli – Sivuca, você tem uma carreira discográfica extensa, mais de 50 discos. Dessa discografia, quais títulos você mais gosta, tem uma relação carinhosa ou uma história interessante?**

**Sivuca** – A minha carreira discográfica começou de fato quando passou a ter, digamos assim, a assessoria de Glorinha, a quem devo quase tudo na formatação dos discos meus que fizeram sucesso, como Cabelo de milho, diga-se de passagem. Se não fosse a Glorinha, o disco não teria saído aquele primor. Mas tem alguns discos que eu gosto muito. Por exemplo, dois discos que eu fiz aqui na década de 50, chamados Motivos pra dançar, que já foram discos influenciados pelo jazz. Tem um disco muito bom que eu fiz nos Estados Unidos, em estúdio, que é um disco de avant-garde, cujo título é Sivuca. O álbum ficou também muito bom. Aquela série de discos da Copacabana, que se chama Sivuca – Daí pra frente, Cabelo de milho, uma série de Forró e Frevo, 1, 2, 3, 4, são discos muito bons. E alguns outros como Vou vida afora, que não foi assim um grande sucesso de venda, de público, mas é um disco em que eu faria tudo de novo.

**Glória – Aquele com o Toots Thielemans.**

**Sivuca** - Esse é um disco antológico, que eu fiz em parceria com Toots Thielemans. A sanfona e o realejo que eu fiz com o Rildo Hora. São tantos discos...

**Glória – O Let's vamos também.**

**Sivuca** - O Let's vamos – Guitarras ilimitadas, da Suécia.

**Glória – O Pau doido.**

**Sivuca** - O Pau doido, enfim...

**Tacioli – Todos?**

**Glória – Não, porque esse disco Pau doido realmente é lindo.**

**Sivuca** - É um dos primores.

**Glória – Foi um trabalho resultado de uma turnê que nós fizemos pela Europa.**

**Sivuca** - São muitos poucos os discos que eu fiz que não faria mais. E agora os discos com a Sinfônica estão lindo.

**Tacioli – E qual disco não ficou bom?**

**Sivuca** - Eu esqueci. [ risos ]

# Ouvir rádio é uma maravilha

**Tacioli – Sivuca, como é o seu cotidiano? O que você gosta de fazer?**

**Sivuca** - Eu gosto de ficar em casa, ler vez por outra, porque sou um pouco preguiçoso. Ouvir rádio, então, é uma maravilha. E agora eu tenho um terraço, que apelidei de meditônomo. É onde eu me sento pra contemplar a paisagem linda de João Pessoa. Volta e meia levo um violão e fico orando. Minhas orações são feitas através de teclado, de sanfona e de violão. E participar como músico e arranjador do último disco de Glória Gadelha, cujo título é maravilhoso, Tinto e tropical, foi uma grande maravilha. Está um disco bonito. Glorinha se superou como intérprete. Ela pensa que não canta, mas pra mim, uma das maiores intérpretes que o Brasil tem é a minha querida Glória Gadelha.

**Glória – Ele fez uns arranjos lindos.**

**Sivuca** - Os arranjos são maravilhosos.

**Glória – Tem uns diálogos de sanfona com voz que é um negócio exuberante. E os arranjos dele estão primorosos. Fiz assim uma arrumação. Ele arranjou somente com piano, um cello e um contrabaixo. Está de chorar.**

**Sivuca** - Resumindo, eu passei a morar em João Pessoa pensando que ia descansar, mas nunca trabalhei tanto na minha vida. O que, aliás, é muito bom isso, porque eu acho que a música é o meu canal direto com o supremo criador, com Deus.

# O Hermeto é igual ao Brasil, não sabe o que possui

**Tacioli – Sivuca, o que o senhor ouve em rádio hoje?**

**Sivuca** – Nada. Às vezes, a Rádio Cultura FM, porque eu gosto muito de escutar clássicos. E da música brasileira atual escuto somente alguns instrumentais. E tem coisa boa da música de câmara. Por exemplo: tem um Villa-Lobos gravado por um quarteto, que não existe mais, mas que é uma obra-prima. Esse eu escuto em casa. E, no mais, é clássico, é música sinfônica, alguns instrumentais. Fico de vez em quando esperando algum lançamento que meu irmão Hermeto faz. No meio daquela doideira toda dele, quase tudo é precioso. O Hermeto é igual ao Brasil, não sabe o que possui. É o melhor músico que temos no Brasil. E, como eu disse antes, a música em Hermeto é uma patologia. Eu sou fã incondicional do Hermeto.

**Tacioli – Vocês se falam sempre, Sivuca?**

**Sivuca** - Sempre, sempre. Hermeto é meu irmão mais novo. É irmão mais novo mesmo e ele me ouve, porque ele tem uma coisa que eu não perdoarei nunca: ele é seis anos mais novo do que eu.

**Tacioli – E ele apronta muito?**

**Sivuca** - Parece que quando ele está junto comigo, ele se contém um pouco. Às vezes, ele quer aprontar, mas aí olha pra mim, e fica quieto, fica com mais cuidado.

**Almeida – Vocês não pensam em fazer nada juntos?**

**Sivuca** - Pensar eu penso, mas Hermeto tem a carreira dele à maneira dele; eu tenho a minha carreira à minha maneira. Somos muito parecidos, temos a mesma origem, mas trilhamos caminhos diferentes. Mas quando nos encontramos é aquela festa musical. Não precisa nem ensaiar. A gente se junta e toca, e o que sai, sai bom. Êta que eu estou com uma falta de modéstia hoje danada! [ risos ]

**Glória – Tem idade pra isso, passou a vida toda...**

**Tacioli – Sivuca, a gente está encerrando. Vocês têm mais alguma pergunta?**

**Sivuca** - O que eu tenho é o seguinte: eu considero pessoas como vocês, organizações, como verdadeiros bastiões da cultura no que diz respeito à música. E é por vocês que a verdadeira música brasileira sobrevive, não somente sobrevive, como continua. Continuem assim e terão sempre a amizade das verdadeiras vocações musicais no Brasil. E, mais uma vez, eu insisto para que os meus jovens, em vez de ficarem azucrinando nossos ouvidos com guitarras elétricas distorcidas, aprendam música. É só isso, obrigado.

**Tacioli – Sivuca, muito obrigado.**

**Sivuca** - Foi um prazer. Fiquei muito feliz de falar o que veio de dentro da minha alma, que tem muito mais alegria do que sofrimento. Aliás, tem tanta alegria, que só uso o sofrimento como ingrediente pra ajudar as flores do meu jardim nascerem com mais força.

**Tacioli – Muito bom, Sivuca, obrigado.**

**Sivuca** - Eu virei até poeta hoje... [ risos ]

# FICHA TÉCNICA

## **SIVUCA**

**Meditônimo: entrada franca**

### **entrevistadores**

Dafne Sampaio  
Daniel Almeida  
Max Eluard  
Ricardo Tacioli  
Sérgio Seabra

### **fotos**

Dafne Sampaio

### **registro audiovisual**

Manoela Ziggianti  
Max Eluard

### **transcrição**

Marllon Chaves

### **edição de texto**

Ricardo Tacioli

### **agradecimentos**

Felippe Rosenburgo  
Glória Gadelha

### **apoio**

Avoa Filmes

### **local e data**

São Paulo, 25 de julho de 2004

### **realização e publicação**

[gafieiras.org.br](http://gafieiras.org.br)